



**IIº SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS**
03 a 06 de junho de 2013

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

**PERCEPÇÃO DE PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS POR MARISQUEIRAS
EM BARRA DOS CARVALHOS – NILO PEÇANHA – BAHIA**

Laita Santiago
Cientista Social – FFCH – UFBA
laitasantiago@hotmail.com

Miguel da Costa Accioly
Professor do IBIO – UFBA
accioly@ufba.br

Rosiléia Oliveira de Almeida
Professora da FACED – UFBA
roalmeida@ufba.br

Apresentação

Na relação entre comunidade pesqueira e os recursos naturais se cria um saber passado de geração em geração que permite aos habitantes destes grupamentos explorarem esses recursos como forma de sobrevivência. A prática de uma gestão acumulada na organização da produção e reprodução social condicionada pelas fases da lua e fluxo das marés encerra um saber denominado “ecológico-empírico” mediante o qual a sociedade viabiliza sua existência material, e lhe dá identidade (NEIM/IBAMA, 1992). A perda de habitat, degradação ambiental e sobrepesca¹ vêm acarretando transformações produtivas e culturais em comunidades pesqueiras (ACCIOLY, 2005, p. 2). Segundo Santiago e Accioly (2011, p. 3-4), a diminuição dos estoques naturais pode estar relacionada a fatores como: a) Perda de habitat²; b) A destruição das áreas de manguezal pela maricultura clandestina; c) A não realização de captura seletiva; d) O aumento da quantidade de pessoas trabalhando na atividade marisqueira, inclusive homens que migraram da pesca e da captura do caranguejo; e) A destruição da vegetação do mangue; f) A situação sanitária, tendo os dejetos escoados para o mar e para o mangue; g) A intervenção de agentes externos como a Petrobras, através da exploração da costa com plataformas de gás.

Tendo seu nome origem numa palmeira chamada Carvalho, Barra dos Carvalhos é uma pequena vila de pescadores situada às margens do Rio dos Patos, pertencente ao

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

município de Nilo Peçanha no Baixo Sul da Bahia e à APA³ de Pratigi, tendo por volta de duzentos anos e uma população de setecentos e quinze habitantes (ICÓ, 2007, p. 49). A principal ocupação masculina é a pesca do camarão marinho e de peixes de arrastão⁴ de diversas espécies, mas há também a pesca de linha embarcada e a pesca do xingó⁵, enquanto as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico a que são tradicionalmente alocadas e realizam a captura do siri e do aratu⁶, mas encontramos com menor intensidade a captura do guaiamum, mariscagem da ostra e do sururu, a pesca de camarão com redinha, de peixes de rede e de linha, além do beneficiamento do siri, do aratu e do camarão. Essas artes de pesca femininas são exercidas no manguezal e na beirada⁷, dentro do estuário⁸. A lavoura já foi atividade tradicional no povoado com a agricultura de subsistência de mandioca, obtendo-se permissão de um fazendeiro local proprietário de grande extensão de terras, mas esta fazenda foi vendida e os habitantes foram proibidos de plantar pelo novo dono. Podemos encontrar em Woortmann (1992, p. 46-47) relatos de comunidades litorâneas que também praticavam a agricultura como importante atividade produtiva, em terras não apropriadas privadamente cujo acesso dos grupos se dava pelas relações de parentesco, terras que eram um dos pressupostos de reprodução dos grupos pesqueiros. Essas terras foram sendo privatizadas e sem disponibilidade de terra para a lavoura, a mariscagem passa de atividade complementar a atividade principal.

Tendo a comunidade se estabelecido em área de manguezal, havia boa parte do espaço da comunidade alagado e antes de ser aterrada, em algumas marés a água chegava a invadir casas e circulava-se de canoa pelas ruelas do povoado. O território da comunidade foi escavado para fins de construção da rede de saneamento básico inacabada por questões políticas, mas ficaram buracos abertos e tubulações abandonadas. Os dejetos são escoados para o estuário, defecam diretamente no mangue ou no mato e foi detectada ainda a prática do “balão”, onde colocam as fezes em um saco plástico e jogam em terrenos vizinhos. O lixo é coletado pela prefeitura de Nilo Peçanha e incinerado em aterro do povoado de São Francisco. A água que abastece a comunidade é encanada pela rede pública, não tratada e vem de uma cachoeira localizada em São Francisco. Nas atividades domésticas são utilizados tanto gás de cozinha quanto a lenha, que vem de uma fazenda que tem por dono um coronel que



proíbe a retirada de madeira verde e permite a retirada de troncos de árvores que são encontrados no chão.

Este estudo identificou o conhecimento das marisqueiras sobre a situação ambiental da comunidade costeira e sua relação com a pesca e mariscagem a partir de questões sobre escassez, sobrepesca, pesca predatória, mudanças no ambiente e impactos ambientais.

Desenvolvimento

Trata-se de um estudo etnográfico com marisqueiras da comunidade pesqueira de Barra dos Carvalhos, com duração de onze meses (2006), utilizando cinco entrevistas semiestruturadas, registro em diários de campo e fotográfico realizados dentro das atividades do Projeto Marsol (CNPq proc. 506196/2004-6), do Laboratório de Ecologia Costeira e Maricultura do Instituto de Biologia da UFBA, que atua na região em projetos de extensão destinados a transmissão de tecnologias em maricultura artesanal. A identificação dos elementos da amostra deu-se mediante ajuda de uma agente comunitária nativa vinculada ao quadro técnico do projeto, que atuou como informante-chave no mapeamento amostral, além de dar seu depoimento, apresentou as outras entrevistadas, tradicionais e experientes marisqueiras com diferentes idades (entre 22 e 53 anos), estados civis (três casadas, uma solteira e uma separada) e nº de filhos (0 a 14). Três das entrevistadas são nativas da comunidade, enquanto duas migraram, uma delas de Alagoinhas quando criança e outra da região rural de Teolândia dez anos antes da realização da fase de campo desta pesquisa. Uma das entrevistadas não foi alfabetizada, três possuem o ensino fundamental incompleto e uma possui nível médio incompleto, sendo a escolaridade inversamente proporcional à idade, pois antigamente não havia a possibilidade de frequentar escola à noite. Duas das entrevistadas são evangélicas, uma católica e duas declararam não seguir uma religião. Além da mariscagem, para complementar a renda todas as entrevistadas realizam a catação do camarão proveniente da pesca masculina. A marisqueira entrevistada que migrou de Teolândia apresentou perfil de maior pluriatividade, devido a grande urgência por fontes proteicas para alimentar sozinha uma família de nove filhos, realizando também artes de pesca tradicionalmente masculinas como a pesca de arrastão e a captura do caranguejo

de braço. Na análise do discurso os dados qualitativos foram agregados por afinidade em torno de categorias éticas ou científicas e êmicas ou nativas.

Problemas socioambientais relacionados à diminuição dos estoques animais nos ecossistemas⁹

Em Barra dos Carvalhos as principais mudanças na mariscagem apontadas no estudo foram sempre relacionadas à diminuição dos estoques de espécies animais comestíveis encontradas no ecossistema mangue. A sobrepesca e escassez de peixes, camarão marinho, moluscos e crustáceos é relacionada na comunidade a fatores como aumento do contingente que passou a explorar os ecossistemas com maior número de barcos, degradação ambiental pela maricultura clandestina, inexistência de rede de esgotamento sanitário com dejetos lançados no mar e no mangue, além de impactos da exploração de gás natural. As práticas locais de pesca predatória e agressão aos ecossistemas apontados, além de fatores que influenciam diretamente na realização dessas práticas, foram a pesca de arrastão, citada como a mais predatória de todas as pescas, a pesca com bomba, a não realização de captura seletiva, a pesca realizada durante períodos de defeso¹⁰ ou andata¹¹, atrasos no pagamento do seguro do defeso e buracos cavados no apicum¹². Afirmam que a situação da pesca e da mariscagem no momento da pesquisa era pior que no passado, pois os estoques dos bancos pesqueiros¹³ estavam reduzidos e tinham que empregar mais tempo de trabalho e técnicas de captura predatórias.

Há muitos tanques escavados de maricultura predatória com a criação de camarão (ACCIOLY, 2005, p. 2; GOMES, 2009, p. 92) e alguns moradores manifestaram o desejo de possuir um tanque. No passado a pesca era realizada diariamente, em cada dia de trabalho era retirada uma quantidade individual de dois a três quilos de aratu, mas com a redução dos estoques ocorre a queda na produção e aumento da força de trabalho despendida com as jornadas ampliadas, acessando pesqueiros mais distantes e intocados. Todas as espécies animais que procuram podiam ainda ser encontradas nos mangues locais, porém em pequenas quantidades e usam a expressão “*mangue acabado*” para representar as mudanças ecológicas provocadas pela sobre-exploração.

Durante o ano em que esta pesquisa foi realizada as marisqueiras disseram costumar conseguir de produto final a partir de animais capturados em uma jornada de trabalho no

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

mangue uma média de quinhentos gramas de aratu ou de siri, em dias mais favoráveis conseguem oitocentos gramas, mas muito dificilmente chegam a completar um quilo de catado. Diante das mudanças apresentadas, uma estratégia utilizada para ter uma coleta mais farta é buscar locais menos explorados do mangue, afastando-se para lugares cada vez mais distantes da comunidade, o que torna maior o gasto de energia e o perigo do trabalho, por terem que explorar lugares desconhecidos e desertos. Além da exploração pelos moradores da comunidade, os mesmos locais e recursos são também explorados por moradores da comunidade vizinha de São Francisco.



Fotografia 1: Tanques de maricultura clandestina (Laita Santiago)

A predatorialidade do arrastão

O arrastão é arte de pesca que, embora cumpra importante papel do ponto de vista econômico, em muitas regiões do Nordeste (MORAES, 2005, p. 90) é identificada pela população nativa como de maior nocividade ao meio ambiente marinho e estuarino (SOUZA, 2002, p. 21). Além do camarão marinho, são também capturados peixes e siris. Essa predatorialidade do arrastão é relacionada ao caráter não seletivo da técnica, como seu nome diz a rede “arrasta” todos os animais que estiverem em seu caminho,

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

realizando assim uma matança indiscriminada de indivíduos de espécies animais em tamanho sem valor comercial e até de indivíduos de espécies não consumidas por aquelas populações.



Fotografia 2: Barcos de arrastão na comunidade (Miguel Accioly)

Na comunidade são utilizados dois tipos diferentes de rede de arrastão motorizado, há uma rede de malha grande, menos nociva, através da qual pequenos peixes conseguem passar, sendo capturados apenas peixes maiores, e uma rede de malha pequena, que captura peixes de todos os tamanhos. Os resultados das entrevistas apontam este tipo de rede como a mais perigosa e que causa maior mortandade de peixes pequenos e outros organismos. O mar e o mangue como única fonte de sustento da comunidade aliado ao fato de ser esta o tipo de rede mais utilizada em Barra dos Carvalhos leva as marisqueiras a prever problemas num futuro próximo com a crescente diminuição dos estoques naturais de espécies animais.

“O arrastão consome muito peixe miúdo, mata a maioria dos pescado quase todo. É onde se eu pudesse, tivesse um arrastão a malha do meu arrastão era grande, a malha da minha rede era grande, tapesteiro¹⁴ a malha era grande, só pra pegar os grande, os pequeno crescer, [...] e aquele da malha miudinha, o peixinho desse

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

tamanho fica, aí morre! Toda vez que bota uma rede de malha pequena, todo pequenininho fica, vai precisar mais depois botar? Não, ele não tem precisão de botar porque ele já matou tudo, os pequeno matou, os grande acabou e pronto, só vai acabar.” (BM5, marisqueira, 53 anos, separada, 9 filhos, não alfabetizada)

Esses pequenos animais capturados eram antes descartados, mesmo sabendo-se que, se devolvido ao mar, o animal não sobreviveria, mas no momento da pesquisa os peixes muito pequenos capturados no arrastão eram secos, uma parte comercializada e outra destinada ao consumo doméstico, ou ainda usados como isca na captura do siri. O siri capturado no arrastão é também levado para casa e aproveitado para consumo doméstico. Embora esses peixes e siris sejam aproveitados para outras utilidades, os habitantes reconhecem que esta captura impede o crescimento e desenvolvimento dos peixes e siris e interfere no equilíbrio ecológico da cadeia produtiva, levando à escassez e diminuição nos estoques dos pescados e mariscos.

Os períodos de defeso do camarão marinho determinados e impostos pelos órgãos ambientais embora sejam do conhecimento dos pescadores não são respeitados por todos que praticam a pesca na comunidade, de maneira que a pesca diminui mas não deixa de acontecer durante esses períodos e, por ser prática comum, que emprega inclusive pescadores que recebem o seguro-desemprego do camarão, os moradores da comunidade não realizavam qualquer ato repressivo, não havendo sanções internas diretas e explícitas direcionadas a seus praticantes e a infração é tolerada internamente. Além do camarão há também na região dois peixes que entram em defeso que são o robalo e o mero, mas poucas pessoas recebem o seguro-desemprego do robalo em Barra dos Carvalhos, e quem recebe seguro do robalo não pode receber o do camarão. Disseram que no momento da pesquisa estava muito difícil pescar um mero, apenas mergulhadores conseguiam capturar este peixe. O suposto impedimento de praticar arrasto nos períodos de defeso foi apontado como uma dificuldade para quem retira o sustento direta ou indiretamente da pesca do camarão e propõem um defeso a partir da ótica da comunidade através da autogestão, embasado no seu estoque de conhecimento acumulado.

Pesca com bomba

Embora o tema da pesca com uso de explosivos seja abordado nos conteúdos programáticos da única escola da comunidade, esta técnica é prática comum em Barra dos Carvalhos, já tendo levado a óbito duas pessoas da comunidade. Esta prática ilegal, que se apresenta extremamente agressiva ao meio ambiente e contribui para a diminuição dos estoques de espécies animais do complexo ecológico marinho e estuarino é difundida na comunidade, assim como na comunidade da Ilha de Maré, situada na Baía de Todos os Santos, onde pescadores nativos e outros vindos de outras localidades vêm praticando esta modalidade de pesca na ânsia de conseguir mais pescado (PAIVA et al., 2011, p. 11). O barulho das bombas pode ser ouvido de dentro das casas, principalmente pelos que vivem mais próximo do mar e acontece em geral de manhã bem cedo, a partir das três ou quatro horas da manhã. Há pessoas que se deslocam de outras cidades como Salvador e Valença para realizar a prática no local, chegando a ficar durante meses realizando a estocagem. Assim como no arrastão, com esta técnica de pesca não é possível selecionar os animais atingidos/capturados no raio de ação do explosivo e morrem peixes de todos os tamanhos e fases. Durante a Oficina de Imagens realizada na comunidade pela equipe técnica do projeto Marsol com o objetivo de levantar percepções sobre o meio e a vida no meio e indicações sobre o que priorizar no diagnóstico participativo que foi realizado no local, uma moradora relatou ter visto na beirada muitos peixes mortos por consequência da prática deste tipo de pesca, o que leva à conclusão de que a prática é frequentemente responsável pela matança de peixes de diferentes espécies. Na mesma ocasião, um participante da oficina se manifestou insatisfeito com a existência de práticas de pesca predatória em Barra dos Carvalhos. Para ele, é determinante para que os atores sociais não criem mecanismos eficazes de sanção interna para conter este tipo de pesca, como denúncias ou punições informais, o fato de Barra dos Carvalhos ser uma “comunidade de parentes” e os moradores não terem coragem de denunciar uns aos outros. Não obstante as relações de consanguinidade sejam apontadas como um fator que interfere na reação da comunidade frente à prática, e que acaba se apresentando como um fator de proteção aos indivíduos que cometem este tipo de transgressão, diferente do que ocorre com a pesca de arrastão, houve referência durante as entrevistas a denúncias realizadas aos órgãos públicos

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

ambientais como o IBAMA por parte de moradores da comunidade. Por diversas vezes órgãos ambientais como o IBAMA estiveram em Barra dos Carvalhos ou na praia de Pratigi, porém, pessoas que realizam a pesca com bomba na comunidade, chegando a capturar a quantidade de dois sacos de peixe por jornada de pesca, escondem canoas com o peixe capturado em locais estratégicos “dentro do rio” até que os técnicos desses órgãos vão embora. Uma entrevistada relatou o episódio em que um homem morador da cidade de Salvador, que pegou uma grande quantidade de peixes com bomba em sua estadia na comunidade, foi denunciado e durante seu retorno foi abordado pelo IBAMA na entrada da cidade de Valença e depois disso, não mais retornou a Barra dos Carvalhos.

“Eles bota aí, vários bota bomba aí... De dia, quatro hora da manhã, três hora da manhã, eles sai quando o lugar é mais difícil. E de dia aqui, ave maria, aqui tem gente que mora em Salvador, vem pra aqui fazer pescaria, faz dois, três meses aqui, só estocando peixe. Na hora que parou, ele sai, vai embora. O que mais acaba a pesca aqui é bomba. Solta uma bomba num lugar, o que é deste tamanho, de um kg, dois kg, dez kg, vai tudo embora, acaba mais do que tudo aí! ...quando começa a soltar muita bomba aqui, aí tem gente que liga pro Ibama. Eles já vieram várias vez aqui ó, às vez eles ficam aqui, às vez eles ficam no Pratigi. O pessoal tem corrido aqui, tem escondido até canoa dentro do rio com peixe, tem gente que pega dois saco de peixe de bomba, é muito peixe que dá aqui... esconde, sai, deixa o pessoal vim, voltar pra depois ir panhar.” (BM5, marisqueira, 53 anos, separada, 9 filhos, não alfabetizada)

Alguns pescadores fizeram queixa dos métodos de pesquisa usados por empresas terceirizadas da Petrobras, por usarem explosivos em seus procedimentos, causando a morte de muitos peixes. Foi citado ainda o episódio de morte em massa de peixes espécies diversas, inclusive peixes grandes, em algumas comunidades da região, entre elas a envolvida nesta pesquisa, sendo que muitos peixes foram encontrados mortos na beira da praia, o que ficou na memória da população nativa.

Captura seletiva

Outro tipo de pesca predatória apontada é a não realização de captura seletiva, em que machos, fêmeas e filhotes são indiscriminadamente subtraídos de seu habitat. Na visão de uma das pescadoras, apenas os machos devem ser retirados, pois se as fêmeas forem também capturadas impossibilitaria o processo reprodutivo. Já houve reclamações na comunidade por parte do IBAMA especificamente por causa da extração das fêmeas de crustáceos, principalmente quando estão em fase reprodutiva. Todas as entrevistadas responderam realizar captura seletiva e preocupar-se também com a questão do tamanho, pegando apenas crustáceos de tamanho grande, até porque além da ausência de valor comercial, o animal pequeno tem muito pouca carne a ser retirada no processo de beneficiamento. As pescadoras trouxeram a preocupação com a frequente extração das fêmeas de crustáceos que ocorrem na região, a exemplo do siri, do aratu e do caranguejo, além da morte de animais de espécies de pequeno tamanho. Para elas, devem ser capturados ou extraídos apenas animais de tamanho suficiente para o consumo, a exemplo de peixes, crustáceos e moluscos como a ostra. Um dos sujeitos desta pesquisa propõe, então, um revezamento entre diferentes artes de pesca como uma forma menos nociva de exploração dos recursos marinhos e estuarinos, que se passe a trabalhar com mais de um tipo de marisco e que se adote mais de uma técnica de captura, extração ou coleta para que possam realizar uma exploração mais esporádica de cada recurso. Na extração da ostra, molusco que tem um lento desenvolvimento, uma vez determinado indivíduo da população tenha sido extraído, o crescimento de um novo indivíduo volta a ser percebido a olho nu no local da extração depois de trinta dias e o período mínimo necessário ao seu crescimento in natura é de seis meses, antes disso ela não deve ser retirada. É necessária atenção na retirada das ostras, que devem ser extraídas em locais revezados no mesmo banco pesqueiro para que cada uma fique ajustada à superfície em que está afixada, pedra ou vegetação do mangue, e as ostras não estejam muito juntas.

“Eu não gosto de pegar nada de fêmea. Mas aqui nós temo é isso, pegar os caranguejo macho e deixamos as fêmeas, porque se nós pegar os machos e pegar as fêmeas, acabou, não vai gerar, o caranguejo não vai aumentar. (...) É igual a pesca

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

do siri, do caranguejo, de pegar as fêmea, né, o siri macho, a gente pega os macho, pega as fêmea, pega as que ta tudo de ovo... será que vai reproduzir alguma coisa cozinhar pra comer? Só vai acabar... por isso que só ta diminuindo na beirada da gente. Eu quero ver pescar siri pra pegar pequeno. Eu não, eu só vou no grande. Uma: é ruim pra gente catar, não rende o catado, empata mais a gente, tem uns que ta pequeno e ta mole, é mais difícil! É ruim de vender, é ruim de catar.” (BI3, marisqueira, 26 anos, 2 filhos, Ensino Fundamental incompleto)



Fotografia 3: Pequenos siris capturados no mangue (Laita Santiago)

Todas as entrevistadas fizeram a ressalva de que a falta de estabilidade na renda e urgência por alimentos têm levado muitas mulheres, homens e jovens a não realizar a captura seletiva e trazer para casa animais de todos os tamanhos, fases de desenvolvimento e sexos, fato comprovado através de observação direta em campo, quando frequentemente se observava mulheres realizando a pesca com gereré¹⁵ de pequenos indivíduos de siris no atracadouro da comunidade. A maricultura então é apontada como uma possibilidade:

“Só que ninguém hoje quer saber disso, se o peixe pequeno não dá, pega dois que dá. Só que aqui a gente tira de todo tamanho aí, só pra acabar mesmo e pronto e

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

no fundo na beirada vai ficar meio difícil pra gente sobreviver. Na pescaria do siri e do caranguejo não se deve pegar as fêmea, a gente não pode fazer isso, a gente faz, mas... tem gente que faz. O pessoal daqui tem essa preocupação não, tem não. Pra onde vai aquilo? Só diminuir. Aqui eu vejo assim, você não come, não dá pra comer, mas tem que matar. A gente mata o que a gente come, o que a gente não come deixa pra lá.” (BDA2, marisqueira, 22 anos, casada, 2 filhos, Ensino Fundamental incompleto)

“Se a gente tudo tivesse controle do que a gente fizesse, tudo rendia. A gente tem que sempre ter atenção do trabalho que a gente ta fazendo sobreviver, que se a gente não olhar o que a gente ta fazendo, o que a gente sobrevive, vai acontecer o quê, só vai acabar. Só se a gente tiver, de uma cada coisa a gente tiver um criatório da gente pra gente governar.” (BD1, marisqueira, 22 anos, solteira, sem filhos, Ensino Médio incompleto)

Em conversa informal, um pescador revela que buracos no apicum são cavados pela população local destruindo uma importante área do manguezal com a construção ilegal de tanques de criação de camarão e justifica que se utilizam da prática como meio de sobrevivência, que a intervenção é artesanal e realizada manualmente, sem o uso de máquinas e que seria por isso menos danosa.

Mortandade de caranguejos

Uma importante mudança apontada no quadro produtivo local é a escassez e quase extinção do caranguejo nos mangues locais, cuja captura era importante atividade produtiva masculina e empregava razoável contingente de homens da comunidade e de povoados vizinhos. Por motivo de uma doença identificada por catadores e biólogos ao longo da costa brasileira, especialmente na região Nordeste, denominada de Doença do Caranguejo Letárgico, gerando modificações etiológicas e expressiva mortandade (RIBEIRO, 2008, p.14), sua captura na comunidade tornou-se praticamente restrita aos períodos da andata, e mesmo durante este período houve relatos nesta investigação de

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

que durante uma andada o caranguejo não pôde ser capturado por estar infectado com esta doença que o torna inadequado ao consumo.

Uma marisqueira que compôs a amostra do presente estudo, que além do caranguejo de andada, também realizava extração do caranguejo de buraco revelou durante o ano da pesquisa que há dois anos não tirava um caranguejo de buraco e o fato estava relacionado à doença, pois quando a mortandade iniciou-se, vivenciou uma situação que lhe marcou quando pegou um caranguejo doente. Ela estava pescando em cima de uma quizamba¹⁶ e viu um caranguejo de tamanho grande sair do buraco, ela o pegou com facilidade, colocou no balde e trouxe para casa, mas quando cozinhou o animal e abriu dentro dele havia uma lama malcheirosa. Então, por isso, parou de pegar durante alguns anos, inclusive o de andada, porém no ano em que foi realizada esta pesquisa tinha voltado a pegar caranguejo de andada.

“Agora mesmo o caranguejo ta morrendo. Se tiver uma andada aqui agora, nós não podemos pegar porque eles ta morrendo, não sabe qualé o que ta são, qualé o que ta doente. De andada agora eu fui, agora de buraco, tem uns dois anos que eu fui tirar porque quando deu a morrição eu fiquei com medo, fiquei com nojo, também porque peguei um caranguejo numa situação feia, foi, aí eu fiquei com nojo de comer. Eu tava em cima do pé de mangue, ele saiu do buraco, mas um caranguejo graúdo, eu digo eu vou pegar. Ah, eu peguei, botei no balde e trouxe pra casa. Quando eu cheguei em casa que eu cozinhei o caranguejo que eu abria tava aquela lama podre por dentro assim, como se ele tivesse vivo por fora e por dentro já tivesse acabado tudo, fedendo... ah, eu tomei pavor! Eu achava que não podia pegar, porque o caranguejo sadio quando ele lhe vê de longe ele ta caindo fora, quando ele ta lerdo tem algum problema, se ele não correu, ele ta doente.”

(BM5, marisqueira, 53 anos, separada, 9 filhos, não alfabetizada)

Relação com órgãos ambientais

Tema contemplado nesta comunidade no trabalho de Moraes (2006), os órgãos públicos e ambientais se fazem presentes na narrativa dos moradores de Barra dos Carvalhos como quando o SEBRAE-BA realizou um curso na comunidade que abordou temas

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

como educação ambiental, pesca com bomba e defumação. Pescadores da comunidade foram informados de que é proibido pescar com bomba pelo CRA-BA – Centro de Recursos Ambientais da Bahia, órgão que costumava ir à comunidade principalmente em casos de denúncias de desmatamento, mas que também já realizou um trabalho de educação ambiental com crianças nativas. Já o IBAMA-BA vai à comunidade principalmente durante os períodos de defeso do camarão marinho. À época do estabelecimento dos períodos do defeso do camarão, houve uma reunião entre IBAMA e colônia de pescadores, para uma consulta junto aos mesmos para certificar-se sobre a melhor escolha dos períodos de defeso estabelecidos. Ao ser flagrado pelo IBAMA praticando a pesca durante período de defeso, o pescador tem subtraídos a rede e o pescado e o barco multado, porém, além disso, duas pessoas da comunidade foram também autuadas pela prática.

Considerações Finais

As mudanças na pesca e mariscagem apontadas pelos sujeitos do estudo colocaram o protagonismo da comunidade na exploração não sustentável de recursos naturais como principal causa da escassez de espécies animais comestíveis explorados nos ecossistemas mar, mangue e beirada, em detrimento da associação à perda de habitat, o que evidencia dificuldade de leitura crítica da realidade pelos sujeitos da pesquisa no tocante a impactos causados por agentes externos.

O impedimento de praticar arrasto nos períodos de defeso foi apontado como uma dificuldade para aqueles que retiram o sustento da pesca do camarão e propõem um defeso a partir da ótica da comunidade através da autogestão embasada no conhecimento acumulado sobre o meio. Sugerem um generalismo de captura com revezamento entre diferentes artes de pesca como forma menos nociva de exploração dos recursos marinhos e estuarinos.

Embora tenham sido citadas iniciativas isoladas do SEBRAE e CRA, diante da metodologia de atuação apenas policiadora e punitiva dos órgãos ambientais, em detrimento de ações educativas e de políticas de suporte social a essas populações, propõem outra forma de interação mais horizontal entre poder público e população

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

atendida, com ações executadas em parceria com a comunidade, que seria sua própria fiscal, além da necessidade de implementação de projetos que tragam alternativas de qualificação profissional que incorporem comunitários em suas equipes como técnicos locais e que durem o tempo necessário à recuperação dos ecossistemas.

NOTAS

¹ Atividade pesqueira acima da capacidade suporte, ou por conta do aumento da atividade ou por conta da redução dos estoques pesqueiros ou pela redução de sua capacidade de recarga.

² Destruição do local onde vive uma população biológica.

³ Área de Proteção Ambiental, Unidade de Conservação de uso sustentável de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

⁴ Pesca geralmente de camarão com rede arrastada a grandes profundidades com barcos motorizados.

⁵ Pequeno peixe pescado em barcos e canoas que formam densos cardumes chamados de mantas.

⁶ Pequeno caranguejo vermelho e preto que vive sobre as árvores do manguezal.

⁷ Reentrâncias costeiras cobertas de manguezais, com alta produção de mariscos e pescados, onde se assentam comunidades pesqueiras tradicionais.

⁸ Região que apresenta altas produtividades biológicas, formada pela interface do oceano com um rio.

⁹ Sistema ecológico formado pela vegetação, os produtores primários, fauna e microorganismos, os produtores secundários, que se inter-relacionam através de fluxos de energia e ciclagens de nutrientes, e que garante assim a existência da vida.

¹⁰ Suspensão temporária periódica da pesca para permitir a recomposição do estoque pesqueiro, durante o qual os pescadores fazem jus a um seguro-defeso pago pelo Ministério do Trabalho, para compensar a falta de produção do período.

¹¹ Período do ciclo reprodutivo em períodos intercalados, que dependem da lua, maré, salinidade da água e outras condições climáticas, em que fêmeas e machos saem das tocas para o acasalamento e, nas andadas seguintes, as fêmeas liberam as larvas.

¹² Área mais elevada do manguezal que apresenta substrato arenoso exposto ou com vegetação herbácea, submetida a salinidades muito elevadas.

¹³ Local onde se concentram peixes, moluscos ou crustáceos, caracterizando-se pela alta produção pesqueira.

¹⁴ Arte de pesca onde áreas de manguezal são “tapadas” durante a preamar, retendo os peixes que são recolhidos na baixa mar.

¹⁵ Instrumento utilizado na pesca do siri, rede com abertura fixada em armação redonda ou semicírculo de madeira ou ferro, tem o formato de cone ou saco, cuja boca é voltada para cima, possui uma haste por onde é manuseado o petrecho.

¹⁶ Raízes do mangue vermelho, uma das principais espécies arbóreas do mangue.



Referências

1. ACCIOLY, M. da C. Maricultura Familiar Solidária no Baixo Sul Baiano – Marsol, Salvador: ECOMAR/CIAGS - UFBA. (CNPq. **Seleção Pública de propostas para apoio a projeto de tecnologias apropriadas à agricultura familiar. Edital CT – Agro/MCT/MDA/CNPQ nº022/2004.** Processo: 506196/2004-6). Projeto concluído. 22p, 2005.
2. GOMES, Rosana C. **A vida no vai-e-vem das águas: Mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida. Trabalho, cultura e meio ambiente.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB. Santo Antônio de Jesus, 146p, 2009.
3. ICÓ, I. **Desenvolvimento local: Adaptação ou Contestação? As realidades de Garapuá e Barra dos Carvalhos - Ba.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da UFBA. Salvador, 179p, 2007.
4. MORAES, Sérgio C. de. **Saberes da Pesca: Uma arqueologia da ciência da tradição.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 230p, 2005.
5. MORAIS, Catarina O. **Percepção das políticas ambientais pelas comunidades pesqueiras do Baixo Sul baiano: Taperoá, Galeão, Garapuá, Barra dos Carvalhos e Batateira.** Resumo de monografia apresentada ao Instituto de Biologia da Ufba, Salvador, 2006 disponível em:
http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Biologia/MonografiasCat20061/percepolitamb_catarinamoraes.pdf
6. NEIM/IBAMA. **Diagnóstico socioeconômico e ambiental da mulher pescadora no Recôncavo Baiano.** Salvador, 1992.
7. PAIVA, A. S. et al. O que temos aprendido na convivência com a Ilha de Maré e seus habitantes? ALMEIDA, R. O.; NEVES, E. L. (Org.) **Caderno Ambiental Ilha de Maré – Salvador:** UNIJORGE, Núcleo de Publicações, 2011. p. 111-128. ISBN 978-85-60333-14-1.
8. RIBEIRO, Rafael O. **Doença do caranguejo letárgico: Desvendando questões etiológicas, epidemiológicas e de saúde pública.** Dissertação apresentada aos Setores de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 97p, 2008.
9. SANTIAGO, L., ACCIOLY, M. da C. **Trabalho na Lama: Saberes e fazeres de marisqueiras de Garapuá e Barra dos Carvalhos - Ba.** I SEC - Seminário Espaços Costeiros. IGEO - UFBA. Salvador, 2011.
10. SOUZA, Bruno M. e. **A problemática da pesca na Vila de Garapuá: Perspectivas para uma gestão participativa sustentável.** Monografia apresentada ao Instituto de Biologia da UFBA. Salvador, 96p, 2002.
11. WOORTMANN, E. F. Da Complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em “comunidades pesqueiras” do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, ano 7, n. 18, p.41-61, 1992.